

CONCEPÇÕES DE ALUNOS DE PEDAGOGIA SOBRE O ENSINO DE ARTE
AGUIAR, Maira Pêgo de – UFES
GE-01: Educação e Arte

Este texto refere-se às reflexões iniciais sobre a temática de pesquisa no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES, no qual pretendemos investigar a questão dos sentidos estéticos (Do grego: *aisthethikós*: 'que sente, que compreende', 'sensível') alunos de Pedagogia de uma faculdade privada na região da Grande Vitória.

Nosso interesse deve-se à preocupação com a formação estética e com o futuro do ensino de arte na Educação Infantil (EI) e nas séries iniciais do Ensino Fundamental (EF), que estará sob a responsabilidade de professores cuja formação artística deu-se num contexto educacional que privilegia a racionalidade dos conhecimentos.

Estudos como os de Barbosa (1989), Martins, Picosque e Guerra (1998), Iavelberg (2003), Frange (2003), bem como os de Silva e Araújo, (2007) e Zordan (2007), trazem histórico do ensino de arte no Brasil cujas análises apontam que durante anos, as dimensões estética, humanista e sensível dos sujeitos foi relegada a um plano ínfimo da formação escolar, cujo trabalho deu-se no seio de uma educação artística concebida ao sabor de diferentes correntes pedagógicas que a resumiram, ora a copia fiel de modelos artísticos clássicos, ora a aquisição de conceitos de geometria, cujo objetivo era a preparação para o trabalho industrial, ora à prática rasa da livre expressão e da auto expressão dos sentimentos.

Percebemos no discurso dos alunos de Pedagogia da Faculdade *Família*¹ marcas dessas “aprendizagens” sobre arte. É sobre esses discursos que nos deteremos neste texto, buscando iniciar análise de dados coletados em nossa prática docente nesse, de 2004 a 2006, a partir do discurso dos alunos sobre experiências escolares com a arte e concepções sobre o ensino de arte.

Até o momento temos utilizado como aporte teórico alguns conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu na tentativa de compreender as estruturas macrossociais que envolvem os sujeitos pesquisados.

¹ Nome fictício.

Temos utilizado o registro de eventos ocorridos durante o trabalho com a disciplina de Metodologia do Ensino de Arte, nos 6º períodos, além da aplicação de questionários semi-estruturados e entrevistas coletivas aos alunos.

Considerações sobre formação de professores e orientações para a atuação no ensino de arte

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia – 2005 definem a formação para a docência na EI, séries iniciais do EF e disciplinas pedagógicas do Ensino Médio na modalidade Normal e Profissional. Estas vêm orientar e complementar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, que institui a formação em nível superior para o exercício da docência em qualquer nível.

A LDB, no 26º artigo, 2º parágrafo, assegura a obrigatoriedade do ensino de arte na Educação Básica em seus diversos níveis para “promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (BRASIL, 1997, p.20).

Na Grande Vitória, nas séries iniciais do EF e na EI, há ainda poucos licenciados em Artes atuando. Este é trabalhado pelo professor generalista, formado em cursos de magistério em nível médio, Pedagogia ou Normal Superior, habilitado para atuação em “núcleo comum”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destacam a importância do ensino de arte para a criança e sua relação com os demais saberes que devem compor esta formação no EF. Segundo o documento,

a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (BRASIL, 1997, p.15)

Para que essa formação artística e cultural seja garantida às crianças os PCN apontam a necessidade de tratar a Arte como objeto do conhecimento, pois seu universo “caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo” (Idem p. 26).

Pensando no ensino de arte oferecido às camadas populares – de onde se originam em grande parte, os alunos das licenciaturas cujas oportunidades de acesso a experiências culturais e artísticas são reduzidas – consideramos importante nos perguntarmos sobre as reais possibilidades de uma atuação de acordo com os PCN – Arte para o EF ou pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a EI, cuja ênfase está nessa concepção de Arte como área de conhecimento.

O papel do ensino de arte na escola nas vozes dos alunos de Pedagogia

Em questionário aplicado aos alunos acerca do papel do ensino de Arte na escola, algumas respostas apontaram vestígios de uma “aprendizagem” em Arte marcada por concepções escolanovistas que, segundo Iavelberg (2003) recebeu forte influência de estudos sobre a criatividade, e de pensadores como Viktor Lowenfeld que compreendia o ensino de arte baseado na livre expressão e no desenvolvimento da criatividade a partir da auto-expressão. Eis algumas respostas: “*desenvolver a criatividade da criança*”, “*induzir as crianças a usar sua criatividade*”, “*despertar a criatividade da criança*”, “*proporcionar momentos lúdicos, prazerosos*”.

Embora as teorias da Escola Nova tenham se dado entre os anos 30 e 60 do séc. XX, até hoje em muitas práticas, o ensino de Arte é concebido segundo suas influências. A autora ressalta que, no Brasil as teorias escolanovistas sofreram deformações em suas aplicações. No ensino de Arte, unidas às teorias de Carl Rogers e A.S. Neill, geraram práticas de interpretações e mobilizações psicológicas dos trabalhos, fazendo com que o ensino de Arte fosse tomado como momento de relaxamento e expressão de sentimentos.

Tais concepções também se fazem presentes nas respostas dos alunos: “*é uma forma de relaxar*”, “*ajudar a criança a expressar seus sentimentos*”, “*ensinar a criança a colocar sentimento naquilo que faz*”, “*é uma maneira de mostrar os sentimentos*”, “*uma forma de conhecer a realidade do aluno*”, “*ajudar a revelar a personalidade da criança*”.

As concepções dos alunos de Pedagogia sobre o papel do ensino de Arte na escola, distanciam-se das indicações dos PCN. Embora iniciemos as aulas apresentando novas tendências e a importância de tratar Arte como área de saberes específicos, é comum ouvir dos alunos sobre as expectativas com a disciplina: “*gostaria de aprender a fazer um bom mural*”, “*pensei que fossemos aprender a fazer materiais para diversas*

datas”, “*you não pode nos ensinar algumas lembrancinhas de páscoa, dia das crianças?*”, “*queria ampliar desenhos e fazer letras decorativas*”, “*you não vai nos ensinar técnicas?*”.

É possível perceber nas falas, como compreendem seu trabalho como futuros professores de Arte. Nelas encontramos marcas também de outras concepções, como as da escola tradicional que, de acordo com Iavelberg (2003) estruturou o ensino às populares com ênfase em desenhos geométrico, decorativo ou pedagógico, com objetivo de ilustrar conteúdos de outras disciplinas, ou ao desenho de faixas ornamentais para a decorar a sala. A referencia ao ensino de técnicas e painéis parece remeter à escola tecnicista que, dos anos 50 a 70 do séc. XX, trabalhou técnicas de desenho e escrita de letras voltadas à aplicação em painéis e murais.

Os dados apontam para uma constituição das concepções sobre ensino de Arte, baseadas em experiências dos alunos durante sua trajetória escolar. Em entrevistas coletivas, descreveram suas aulas de Arte na infância e adolescência: “*fazia muitos desenhos livres*”, “*há! Era só lápis de cor e papel!*”, “*a gente fazia letra bastão e ampliava desenhos*”, “*fazia umas coisas idiotas lá!*”, “*desenho pra pintar*”, “*contornar letras de forma*”, “*era só desenho e eu odiava, não sei desenhar!*”.

Os relatos mostram algumas das práticas que esperavam aprender na disciplina de Metodologia do Ensino de Arte. Apesar de considerarem essas experiências pouco significativas e até desagradáveis – “*há! Era só lápis de cor e papel!*”, “*fazia umas coisas idiotas lá!*”, “*era só desenho e eu odiava, não sei desenhar!*” – apontam para uma concepção de ensino de arte a ser concretizada, pois expressam desejo de aprimorarem essas práticas na disciplina.

Os alunos de Artes na Faculdade Família

Os alunos de Pedagogia preparam-se para atuar numa escola inclusiva, uma vez que esta é a proposta tanto das diretrizes do curso, quanto para a educação básica. Observamos, no entanto, que a maioria dos alunos da Faculdade *Família* não tem acesso a bens culturais e artísticos. Durante a disciplina constatamos que quase a totalidade dos alunos nunca esteve numa galeria de arte, teatro ou museu – duas alunas declararam nunca terem ido ao cinema.

Levando em consideração que a transmissão da herança artístico-cultural da humanidade, é uma das propostas dos PCN – Arte, parece-nos que o tempo destinado ao

trabalho com a formação artística dos alunos de Pedagogia – de 80 h/a na Faculdade *Família* – é insuficiente, uma vez que não possuiriam o capital cultural para este trabalho.

Segundo Bourdieu (1998), há uma desigualdade na distribuição da cultura geral entre os universitários de origens sociais diferentes. Destaca que “em todos os domínios da cultura [...], os conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos quanto mais elevada é sua origem social” (p. 45), uma vez que o acesso às obras culturais continua restrito às classes cultas “[...] a freqüência a museus depende estreitamente do nível de instrução”. (p. 61)

Concluimos que o ensino de Arte que tem ocorrido ao longo do tempo sob influencia de diferentes correntes pedagógicas, tem negado às camadas populares a formação estética e o conhecimento das produções culturais e artísticas acumuladas pela humanidade. Na Faculdade *Família*, esta negação reflete-se nas concepções dos alunos sobre Arte e seu ensino. Isto têm nos preocupado, haja vista a perspectiva de atuação desses na EI e nas séries Iniciais do EF como professores de Arte. Fica-nos uma denúncia já feita por Bourdieu (1998) sobre a formação do sujeito na escola:

Se a ação indireta da escola (produtora dessa disposição geral diante de todo tipo de bem cultural que define a atitude ‘cult’) é determinante, a ação direta, sob a forma do ensino artístico ou dos diferentes tipos de iniciação à prática (visitas organizadas, etc.), permanece fraca: deixando de dar a todos, através de uma educação metódica, aquilo que alguns devem ao seu meio familiar, a escola sanciona, portanto, aquelas desigualdades que somente ela poderia reduzir. (p. 61)

Esperamos ao final da pesquisa, vislumbrar melhores perspectivas para o ensino de Arte na escola.

Referências:

- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs). Pierre Bourdieu. **Escritos de Educação**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae T. B. **Arte Educação no Brasil**. SP: Perspectiva, 1978.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento do Mundo**. Vol. 3. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte – sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do Ensino da Arte – A língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte**. SP: FTD, 1998.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Tendências e concepções do ensino de Arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da Arte/Educação**. In In Anais da 30ª reunião da Anped. Caxambu, MG, 2007.

ZORDAN, Paola. **Aulas de Artes, espaços problemáticos**. In Anais da 30ª reunião da Anped. Caxambu, MG, 2007.